

MASSORET HABRIT

O ELO DA TRADIÇÃO

De 29 de março a 4 de abril de 2020

4 a 10 de Nissan de 5780

Ano 1 nº 24

Shabat Vayicrá

OS SACRIFÍCIOS

**SE APROXIMAR
DE DEUS**

OU

**UM BANHO
DE SANGUE?**

ENTREVISTAS DA TORÁ

1 • MASSORET HABRIT

Eleazar, há poucos dias seu tio-avô, Moisés, recebeu os dez mandamentos e toda a Lei oral. Ambos vieram para transformar o mundo, dando-lhe um caráter mais humanitário, respeitoso. Esse negócio de sacrifício não é meio incoerente com uma série de coisas que vocês defendem como o cuidado com os animais, com a natureza, o meio ambiente? Fica difícil imaginar que o povo possa engrandecer-se com a visão de animais imolados, sangue derramado e incenso queimado. Se Deus é Todo Poderoso para que ele necessita disso?

ELEAZAR HACOHEN – Deus sabia e nós também sabíamos desde o começo que essa questão dos sacrifícios seria polêmica, mesmo. Mas, antes de tentar defender a importância dos sacrifícios, preciso fazer alguns esclarecimentos. Os sacrifícios e as oferendas não foram propostos porque Deus precise deles. Deus não precisa de nada, Ele criou tudo, inclusive tudo o que foi, é ou será ofertado. Eles são para nós mesmos. Para os seres humanos. Eles nos ensinam a santificar algo físico. Outra coisa, que você precisa entender é que sacrifício é uma tradução pouco adequada para a palavra hebraica “korbanot”. A palavra sacrifício nos dá a ideia de nos privarmos de uma coisa apreciada. Korbanot tem o significado de aproximar-se, ficar próximo a Deus. E por vários motivos: por um erro não intencional que cometemos, por falhas mais graves e até por nada, apenas para transmitir nossa felicidade, nossa alegria. Ao matarmos um animal no Templo, e subirmos com suas partes ao altar, estamos fazendo uma declaração pessoal de nossa intenção de elevarmos o animal que temos dentro de nós a um nível mais alto. Usar essa energia e dirigi-la ao serviço de Deus. Deu para entender?

ELEAZAR HACOHEN

2 • MASSORET HABRIT

Preciso confessar, por mais que eu queira, não consigo entender porque a Torá usa tanto espaço para essa barbaridade, esse banho de sangue.

ELEAZAR HACOHEN – Primeiro, dizer que os sacrifícios sejam uma barbaridade para mim é incoerente, quando olho para esse seu mundo. Outro dia, vi uma maratona para ver quem conseguia comer mais Big Mac. O vencedor comeu mais de trinta. Isso não era matar sua fome, com certeza. Isso você não acha uma barbaridade? Vi gente que tem centenas de sapatos de couro. Certamente, alguns serão usados só uma vez. Precisa de tudo isso? E a boiada que é morta num único domingo, num desses enormes restaurantes de rodízio e vi que grande quantidade dessas carnes vai para o lixo, nem ao menos, é doada para o monte de famintos que tem no teu mundo. Isso está certo? Então, se para essas coisas físicas, prazerosas, você justifica matar não sei quantos seres vivos, Deus acha isso ainda mais justificável num processo espiritual. Essa é uma experiência muito poderosa. O animal que está no altar está lhe representando. Essa cena é muito forte para uma pessoa. Ações têm muito mais impacto que palavras. Agora, faça um exercício mental, pense no aspecto simbólico do que estamos falando e veja se consegue aprender uma lição para os dias atuais.

3 • MASSORET HABRIT

E olha que isso tudo que estamos falando tem a ver com a obrigação de se buscar uma vida de santidade. No entanto, a segura da linguagem desse chamado livro Levítico (o livro dos sacerdotes) não pode disfarçar completamente o problema essencial do que acontece aqui: a porção está escorregadia de sangue. Surgem da página gritos de animais moribundos, o fedor pungente de fumaça e carne queimada. As passagens da Torá não apenas despertam ansiedade nas pessoas mais sensíveis, elas frequentemente parecem estar entre as mais irrelevantes que encontramos em nosso texto sagrado. Afinal, as principais habilidades dos levitas e dos kohanim (os sacerdotes), técnicos do sagrado, tornaram-se obsoletas quase dois mil anos atrás, quando o templo foi incendiado. Embora os judeus com o status de kohanim sobrevivam em nossos dias, seu papel é simbólico mesmo nas sinagogas ortodoxas. Mas, o pior é que eu li, que tem um monte de fanáticos, se preparando para quando for reconstruindo o terceiro templo, para a volta dos sacrifícios. Mas graças a Deus, a prefeitura de Jerusalém proibiu essa prática. Me desculpem caros leitores, apesar da insistência de nosso entrevistado, fica difícil entender essa questão, não acham? Assim, vamos encerrar a entrevista por aqui. Mas por isso, na próxima semana, voltaremos à discussão do tema, ouvindo uma grande autoridade no assunto. Um Moshé. Um homem que nasceu em Córdoba. Vocês têm ideia de quem seja?

ELEAZAR HACOHEN – Antes de eu ter cortada minha palavra por esse repórter, que não quer me ouvir, leitores, quero que vocês entendam, que, quando foi instituído o sistema de sacrifícios na Torá, o sacrifício humano era absolutamente comum entre os povos vizinhos a Terra Prometida, e uma das maneiras de Deus, inteligentemente, como sempre, de evitar essa prática, encontrou nesse sistema, uma forma de construir uma nação de sacerdotes. Outra coisa, falando de fanáticos, pelo que eu vejo nesse mundo de vocês parece que se não é só em Jerusalém, que tem fanáticos, né?

ESTA SEMANA NO MUNDO JUDAICO



O MÊS DE NISSAN

Na última quinta-feira, começou o mês de Nissan. É o primeiro dos meses, conhecido como “o mês da primavera” (chodesh ha’aviv) e dos milagres (nissim), por conta da saída do Egito.

Mês da primavera, Nissan permite a todos sair do Lugar Estreito (mitsraim) para um lugar mais amplo. Assim como as pessoas saem de suas casas e os animais de suas tocas depois do inverno, a sensação é de libertação. Aquele que passou pelo mar de escuridão e frio do inverno e olha desde a outra margem, emerge em gratidão e canto. Anualmente a experiência do fim do inverno traz memórias da história de libertação coletiva, quando saímos da grande noite e nos descobrimos diante de um novo dia cheio de possibilidades.

Renovar-se é deixar para trás coisas que não se pode esperar até que “fermentem” plenamente. Este ato de desapareço e de

rompimento é que permite a passagem a novos espaços mais amplos, menos restritos. Aqueles que temem seguir adiante até que tudo esteja pronto e resolvido, nunca saem. Marcam passo quando a vida, a primavera ou o Criador estendem convites para que sigamos em frente.

O sentido do mês é a fala. Como Deus criou o Universo com falas, também o comando de sair do Egito evoca uma nova-Criação. “Marchem!” declara o Criador.

Nissan é o mês da redenção. Em Nissan nossos antepassados foram redimidos do Egito e em Nissan seremos redimidos. Nissan é um mês de milagres (nissim). O fato de o nome Nissan possuir dois nuns (נ) sugere que seja um “nissei nissim” os milagres dos milagres. As mitzvot deste mês são comemorar Pessach, contar a história da saída do Egito no seder, não comer chametz e contagem do Omer.

SHABAT NO BEIT MIDRASH MASSORET

O Beit Midrash é um conceito existente na cultura judaica há mais de dois mil anos: uma casa de estudos em que se reza, uma sinagoga em que se estuda.

HORÁRIOS

Kabalat Shabat: sextas às 19:00

Shacharit Shabat: sábados às 10:00

Avenida Doutor Arnaldo, 1504, Metrô Sumaré
Sumaré - São Paulo capital